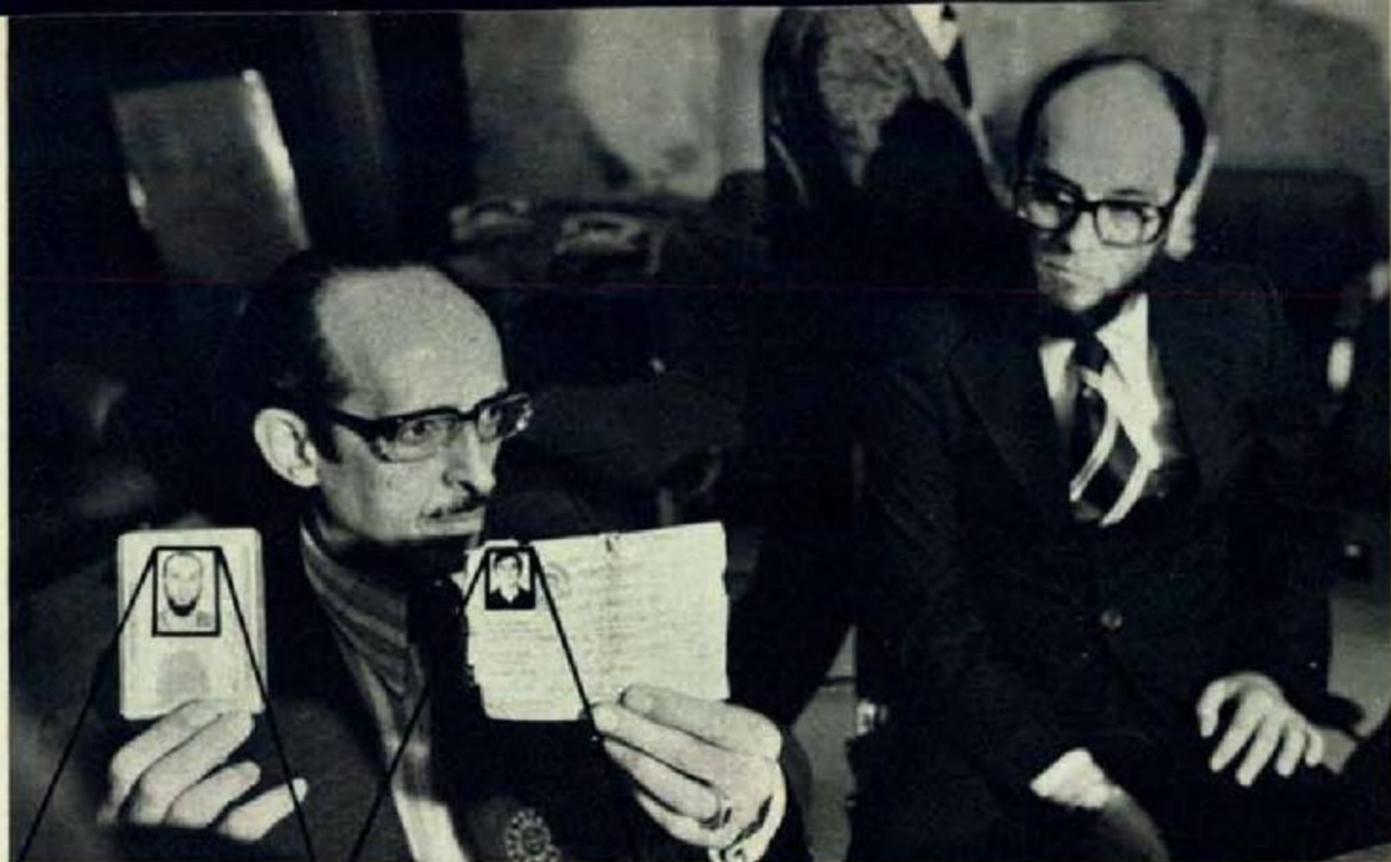


Imagem forjada

O inspetor Rosa troca o rosto, mas não muda

O inspetor João Augusto da Rosa, conhecido no DOPS gaúcho pelo codinome "Irno", tem duas fisionomias. Uma, de aspecto jovial, cabelos bem cuidados e bigode. Outra, de barba, sem bigodes, calvície avançada e óculos. A primeira corresponde a sua idade real, 28 anos. A segunda aparenta 45 anos e existe de fato há poucos meses. Foi esse Irno artificialmente envelhecido que a Secretaria da Segurança gaúcha apresentou à imprensa no final da tarde da última quinta-feira — cinco dias depois da denúncia feita por VEJA de que Rosa é o policial que comandou, na tarde do dia 17 de novembro do ano passado, o seqüestro dos uruguaios Lilian Celiberti, seus dois filhos menores e seu amigo Universindo Díaz.

Apesar das mudanças radicais, consequência de um trabalho de rigor profissional, o objetivo de ocultar Irno acabou não sendo alcançado. O chefe da sucursal de VEJA em Porto Alegre, Luís Cláudio Cunha, que revelou na semana passada a identidade de Rosa, continua tendo a mesma certeza de que foi ele o homem que lhe apontou uma pistola calibre 45, cromada, entre os olhos — quando, junto com o fotógrafo J. B. Scalco, foi testemunha involuntária do seqüestro em novembro de 1978. Apresentado por ordem do coronel



O policial Rosa (acima, dir.): no documento atual (esq.) e na foto publicada por VEJA (ao lado)

João Osvaldo de Leivas Job, secretário da Segurança, o inspetor limitou-se a negar sua participação no seqüestro e a jurar inocência.

AMEAÇAS — Sempre reticente, o inspetor garantiu que sua barba tem dois anos, cultivada a partir de sua saída da Escola de Polícia — "saí de um órgão de informação e necessitava de uma fisionomia diferente". Sua calvície seria incontrolável — "há quatro anos o cabelo começou a cair e está nisso que vocês vêem". Na verdade, a "calvície" de Rosa era visivelmente forjada. Por sua vez, o advogado Manoel Augusto de Godoy Bezerra, contratado pelo policial, exibira o surrado título eleitoral de Irno com a mesma fotografia publicada por VEJA em sua edição da semana passada. Segundo ele, a foto foi tirada em 1969, quando o inspetor era "um rapaz de 18 anos" e não tem relação com a "mentirosa notícia publicada".

Com a mesma teatral exaltação, Bezerra anunciou que vai processar a direção da revista, "pois nem Jesus Cristo seria capaz de fazer um reconhecimento baseado naquela fotografia". Mas a própria cédula de identidade de Rosa, brandida por Bezerra para comprovar a identidade do policial, acabaria traindo o advogado — a data de emissão do documento, onde Rosa aparece sem óculos, é de 12 de março deste ano. So-

licitado a apresentar outros documentos de seu cliente, Bezerra diz que apenas o fará em juízo.

Também o superintendente dos Serviços Policiais do Rio Grande do Sul, delegado Luís Carlos Carvalho da Rocha, defende com veemência a inocência de Irno. Em meio ao coquetel oferecido pela Base Aérea de Canoas no Dia do Aviador — e talvez pelo excesso de bebida — o delegado Rocha levou sua defesa ao equívoco de apontar Cunha e Scalco como "agentes de segurança da Lilian". Como se coubesse a jornalistas, e não às autoridades policiais, a garantia da integridade dos cidadãos, nacionais ou estrangeiros, que vivem no país. ●

JOGO DO BICHO

E era "xaveco"

Os bicheiros do Rio quase perdem 500 milhões

Muito tempo ainda se passará antes que o jogo do bicho do Rio de Janeiro neutralize por inteiro os maus efeitos de um estouro que ameaçou ultrapassar a barreira dos 500 milhões de cruzeiros. Mesmo para uma operação que, segundo cálculos oficiosos mas confiáveis, arrecada por dia o que a Loteria Esportiva arrecada numa semana, seria uma catástrofe terrível — e quase aconteceu. Foi na sexta-feira, dia 19, quando "deu cachorro na cabeça", com o milhar 5418. Ao pagarem as primeiras apostas, os bicheiros já temiam prejuízo grosso, pois às sextas — quando



RICARDO CHAVES

O delegado Rocha: só equívocos